Galatéa: Egloga; Primeira e Segunda Parte

António Joaquim de Carvalho

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Galatéa: Egloga; Primeira e Segunda Parte

António Joaquim de Carvalho

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano. Para comentários à transcrição visite http://pt-scriba.blogspot.com/ (This book was produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

GALATÉA

EGLOGA.

PRIMEIRA, E SEGUNDA PARTE

POR

ANTONIO JOAQUIM DE CARVALHO.

LISBOA: M. DCCCI.

NA OFFIC. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com Licença da Meza do Dezembargo do Paço.

AO LEITOR.

Esta primeira Egloga, ha 16 annos impressa, agora faço-a reimprimir, para tirar-lhe as lisongeiras Cartas, para emendar-lhe algumas passagens com melhor escolha, para curar-lhe alguns vicios gerados por aquelles, que duas vezes a reimprimírão, a pezar do meu gosto, e

para ligar ambas as Partes, por que a primeira dá a materia para a segunda.

Se me increparem, porque faço domavel o Gigante Polyfemo, contra a opinião dos melhores Poetas, respondo: He verdade, que a Fabula nos mostra este Cyclope hum monstro de crueldade, de extraordinarias forças, e destemido: hum tragador de seis companheiros de Ulysses, e delle mesmo o seria, se astucioso não lhe fugisse: hum soberbo em fim, que declamava, que nem ao mesmo Jupiter temia; mas pergunto: Este Gigante era humano, ou não? Todos me dirão, que sim. Pois se era humano, era sugeito ao imperio da Razão, com cujas armas o ataco, e o venço: e só seria inverosimil, se eu com a razão accommettesse hum Tigre, hum Leão, huma Serpente. Se os mais não pizárão esta estrada, porque não quizerão, pizo-a eu, porque quero, e por que posso, sem atropelar a verosimilhança.

Se altero o caracter da Egloga; se me aparto da simplicidade pastoril; se faço inflammar Polyfemo, e respirar vingança, he porque eu não pinto hum daquelles Pastores do Seculo de oiro, em que reinava a mansidão, e o socego de espirito; pinto hum Cyclope, hum Pastor ferino, que abrazado no ciume, e na ira, deo barbara morte ao mancebo Ácis, lançando-lhe em cima hum penhasco: catástrofe, que eu não pinto, por não fazer huma Egloga com espirito de Tragedia.

Eu tive a fortuna, de que alguns homens (discrétos homens!) dissessem, que não era minha a minha Egloga Deploratoria intitulada JOSINO na chorada morte do Principe o Senhor D. JOSÉ. Eu serei feliz, se agora tiver a mesma fortuna, porque se esses contrastes duvidarem de ser minha esta obra, boa será ella pela sua avaliação.

Esses, que duvidão, examinem, busquem, descubrão o legitimo Author, e o mostrem para gloria sua, e descredito meu. Conheça o mundo o homem virtuoso, o homem raro, que se cançou naquella composição, para renunciar em mim a posse, o lucro, e o credito della. E se eu a furtei, onde estás homem roubado, que não acodes ao teu cabedal, sabendo, que em meu poder existe? Denuncía-me; clama justiça contra mim. Ah! Ninguem falla? Ninguem me acusa? Pois acuso-me eu, mas he da temeridade de emprehender a guerra sem ter armas: de querer lugar na Républica das Letras sem ser Cidadão de Athenas: de fazer Versos sem beber da Castália, sem soccorro das Musas, sem conhecer Apollo. Os Versos (toscos Versos) que ha trinta annos escrevo, são os denunciantes, as testemunhas, e os Juizes do meu crime. Acusem-me, como eu me acuso deste delicto; porém não de roubador, officio imfame, que não cabe em almas honradas; mas se os críticos me arguirem pelos pobres, insulsos Versos, devem igualmente attender em minha defensa, que estes se não tem mel, tambem não tem veneno; se não deleitão, tambem não ferem. Isto supposto, fação-me Justiça.

GALATÉA

EGLOGA.

PRIMEIRA PARTE.

INTERLOCUTORES.

POLYFEMO, E LAURINDO.

POLYFEMO.

Ah! Campos, campos meus! Vós, que algum dia
Me servieis de amavel companhia:
Vós, que os ouvidos daveis ao meu canto,
Prestaimos boje, para ouvir meu pranto;
Se bem, que assáz me custa magoar-vos,
Depois de com meu canto deleitar-vos;
Mas eu adoçarei a vossa mágoa,
Dando-vos de meus olhos rios de agua:
Com ella florecei para os viventes,
E á custa do meu mal vivei contentes,
Que eu não vos lograrei, não; nem já gora
A minha morte póde ter demora;
Os Ceos a mandem, que em tormentos fortes
Huma morte he melhor, que muitas mortes.
Ah! Campos, se vós fosseis animados,
E ponderasseis bem os meus cuidados,
De mim aprenderieis, que a ventura,
Ao que nasceo feliz, he que procura:
E Aquelle, que nasceo já desgraçado,
Sempre lhe foge com semblante irado.
Mas quem he, que este monte vem subindo?
Pelo trage he Pastor: sim, he Laurindo,
Que talvez magoado d'escutar-me,
Quer meios procurar de consolar-me:

Em vão, em vão se cança, se o intenta;
Que em vez de alivio dar-me, a dor me augmenta.
Agora mais me vejo impaciente,
Que até me afflige a vista de hum vivente:
Mas elle vem, não posso resistir-lhe,
Já não posso esconder-me, nem fugir-lhe;
Se fujo desta parte, he ribanceira,
Se daquella, me affogo na ribeira;
Pois nella acabarei, morrer não temo;
De huma só morte acabe Polyfemo.

LAURINDO.

Detem-te, amigo, e espera, que fazias?
A ti mesmo matar-te pertendias?
Seres comtigo mesmo ímpio tyranno,
Para hum damno evitar com maior damno!

POLYFEMO.

Deixa, deixa, que eu morra por piedade,
Porque morrendo, evito a crueldade
Dos ímpios Deoses: ah! Viver não quero,
Pois vida tão penosa não toléro:
Tu contarás á falsa Galatéa,
Que por ella me expuz á morte feia;
Porém no peito o coração me estalla,
Vendo, que Ácis tyranno ha de logralla:

Mas logre-a, logre-a, embora, oh que tormento!
Que eu só, por tal não ver, morrer intento.

LAURINDO.

Socega, amigo, queres dessa sorte
Dar a vida, por quem te causa a morte?
Queres vingar-te della socegado?
Desprezou-te, despreza-a: estás vingado.

POLYFEMO.

Desprezar Galatéa, e offendella
Quando só morrer por ella!
Isso não, que depois de eu adoralla,
Valor não tenho para maltratalla:
Ella pratique embora a crueldade,
Que eu não devo imitar-lhe a impiedade.

LAURINDO.

Conheces, que te offende essa perjura, E inda morres por ella? Oh que loucura!

POLYFEMO.

Sim, amigo, traidora a considero;
Mas quiz-lhe bem: querer-lhe mal não quero.

Eu não lhe amo o rigor, sim a belleza,
Que he parto singular da natureza:
Tu, que a conheces, vê, se razão tenho
Para adoralla com tão grande empenho:
O lindo rosto, aquelles olhos bellos,
Tão matadores, que em chegando a vêllos,
Parece, que do rosto lhe saltavão,
E que para não vêllos me cegavão.
As loiras tranças, bem como doiradas,
Sobre seus alvos hombros espalhadas.
Se as costas me voltava por desprezo,
Como que a ellas me levava prezo:
Nas lindas faces se me figuravão
Duas papoilas, que entre a neve estavão.
A boca, que em conceitos sempre acerta,
Parecia huma rosa meia aberta;
Mas quando grave, e graciosa ria,
Oh quanto então mais bella parecia!
Mostrando os claros dentes, que esmaltavão
Seus beiços, que de nácar se formavão;
E co'a força do riso as faces bellas
Duas covas fazião como estrellas.
As mãos por engraçadas, e pequenas
Parecião formosas açucenas.
Mil vezes quiz beijar-lhas; porém ella,
Que o damno prevenia na cautéla,
Escondendo-as, de mim mais se affastava,
Que até nisto ser casta bem mostrava.

Estas bellezas, esta honestidade
Forão prizões da minha liberdade,
E quanto as lindas mãos mais me negava,
Tanto as doces prizões mais me apertava;
Mas n'huma sésta vi, que ella dormia
Junto do pote, que na fonte enchia:
Vou-me pé ante pé, e hindo a beijar-lhas,
Me arrependi, porque temi manchar-lhas.
Nem só para pegar-lhes valor tinha,
Porque mão tão grosseira, como a minha,
Não devia tocar aquella neve,
Que só com outra igual tocar-se deve;
Mas immovel fiquei, pois só gostava
De ver a bella acção, em que ella estava.
O branco rosto sobre o curvo braço,
Outra mão tambem curva no regaço:
O corpo reclinado sobre a fonte,
E a curta sombra, que lhe dava o monte,
Só metade do rosto lhe cubria,
Que muito mais formosa inda a fazia.
Eu, que só me detinha em admiralla,
Sem que tivesse intento de acordalla;
Como de gosto estava arrebatado,
Sem que eu sentisse, cahe me o cajado:
Dá-lhe nos pés: acorda ella assustada,
Vê-me, levanta-se, e com voz irada
Me diz: "Vil, só comigo! Que fazias?
"Dize: acaso offender-me pertendias?

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com